

PRESENÇA DE SYLVIO RABELLO

Waldemar Valente

O que pretendo dizer de Sylvio Rabello não é apologia. Nem panegírico. Nem muito menos elogio fúnebre, pois não considero Sylvio Rabello morto. Por intermédio de seus livros — alguns, verdadeiras peças de arte, de beleza e de ciência — continuará vivo e influenciando. Provocando controvérsias. Sendo motivo de discussões e debates.

O que desejo é dar um depoimento. Um sincero depoimento, que não pode alongar-se em detalhes, mostrando o homem com suas virtudes e com seus pecados. Com suas qualidades positivas e seus defeitos. Pois, da mistura de tudo isto é feita a natureza humana. Dos estados emocionais, dos estímulos, dos sentimentos e das tendências psicológicas, resultando manifestações diferentes. Não há homem só santidade ou só demônio. Portanto, é com tais características intrinsecamente humanas que o homem tem que ser compreendido e aceito. Desse modo, tentei conhecer e compreender Sylvio Rabello. Se não na sua totalidade humana — o que seria impossível — ao menos em alguns aspectos.

Conheci, pessoalmente, Sylvio Rabello, no seu nome por inteiro Sylvio de Lyra Rabello — jamais renunciando aos *ipsilones* e aos dois *éles* — em 1931, no Externado Júlio Pires, instalado em sobradão da Rua da Aurora, próximo ao Palácio onde residiu o Conde da Boa Vista. Seu nome não me era estranho. Sabia que era professor da Escola Normal Oficial de Pernambuco, autor de estudos sobre psicologia da criança, dentre os quais a monografia *Os Testes Decrolyanos de Desenho* (1931), sem falar nos artigos publicados em *A Província*.

Na época, os professores particulares, de nível médio, realizavam, no Recife, o seu primeiro movimento da classe, de significativa repercussão na sociedade.

de local, reivindicando, dentre outras coisas, justo salário-aula, que devia elevar-se de três e cinco para oito mil réis, e pagamento do mês vencido, no máximo até o dia dez do seguinte.

O Externato Júlio Pires — nome lembrando admirável educador e mestre da língua portuguesa — fundado pelo esforço dos professores particulares, funcionando como colégio modelo, dispondo de idôneo corpo docente e de modernos equipamentos pedagógicos, surgiu como poderoso concorrente capaz de opor-se à resistência dos colégios particulares.

Colaborando com Jorge Cahu, aclamado Presidente da primeira *Associação de Professores de Pernambuco*, na Direção do Colégio, estavam, dentre outros, desde os começos, Sylvio Rabello e eu. Sylvio, valorizando o colégio com seu prestígio de escritor e o saber de mestre de primeira categoria. Com a inexperiência de meus vinte e um anos, romanticamente lutando em benefício da classe, inclusive me afastando de dois colégios que afirmavam não ter condições para atender às reivindicações, ficara eu em difícil situação financeira, dando aulas particulares em domicílio para compensar um pouco as dificuldades.

Não sei como chegou às mãos de Sylvio um exemplar de modesta tese de concurso, com a qual me candidatava, em 1930, à docência-livre de Inglês, no Ginásio Pernambucano. Trabalho de um ainda adolescente, estreante na arte de escrever, com os defeitos e as deficiências que seriam de esperar da imaturidade. De Sylvio Rabello, em 1931, na Secretaria do Externato Júlio Pires, na presença do engenheiro e professor de Matemática Heitor de Andrade Lima, recebi simpática apreciação sobre a tese, realçando meu esforço, o que nela havia de positivo e apontando, com franqueza, falhas que, em trabalhos futuros, deveriam ser evitadas. Suas palavras, de homem inteligente, jornalista dos melhores, experimentado no magistério e nos estudos de psicologia pedagógica, um bocado de anos mais velho que eu, foram de incentivo e animação, transformando o que devia ser motivo de desalento — anulação do concurso — em poderoso estímulo, no sentido de enfrentar, corajosamente, sem esmorecimentos, injustiças e dificuldades.

Como incentivador de jovens, em pesquisas e estudos sérios, continuou Sylvio em todos os lugares por onde andou com sua inteligência, seu saber, seu talento. Assim foi na Escola Normal, depois Instituto de Educação. De modo particular, no então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

Ficamos camaradas, a partir desse primeiro encontro. Depois, ainda no magistério, vieram os reencontros e com eles a convivência e a amizade. No Colégio Oswaldo Cruz, na Pinto Júnior e, principalmente, na Escola Normal Oficial de Pernambuco, no prédio onde hoje está instalada a *Câmara de Vereadores do Recife*, estendendo-se no novo prédio, a partir de 1962. Aqui, nossa convivência se tornou constante e íntima. Finalmente, no então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e no Seminário de Tropicologia, instituições que o gênio criador de Gilberto Freyre fundara e ainda hoje vem sabiamente supervisionando.

Conhecendo Sylvio mais de perto, nele pude descobrir não apenas singulares facetas de sua personalidade, mas uma ágil e versátil inteligência, forrada de sólida cultura humanística, talento de escritor, com suas inconfundíveis caracte-

terísticas de estilo e de linguagem. O professor de Psicologia, que não ficava só na exposição teórica, do giz e no quadro-negro. Também, na pesquisa, no saber de experiência feito, em contacto com as realidades educacionais, levando em conta cada aluno em particular e as influências ecológicas e sócio-econômicas. Não era, como professor de Psicologia da Criança e do Adolescente, um decalcomaniaco. Um mero transplantador de teorias e métodos exóticos, às vezes inadaptáveis às nossas condições de meio. As nossas inarredáveis realidades ecogeográficas e culturais. Neste particular, seguia Gilberto Freyre que, ao tempo em que era Professor de Sociologia na Escola Normal, realizou, pioneiramente, não só em Pernambuco, como no Brasil, com suas alunas, pesquisas-de-campo, de sentido social. Não me foi difícil reconhecer no mestre e escritor certas particularidades psicológicas: malícia, ironia, irreverência, capacidade de despertar nos companheiros e amigos curiosidade de conhecer situações, verdadeiras ou inventadas, que faziam cercar de ridículo e galhofa gente que aparentava dignidade ou era realmente digna de respeito. Gente verdadeiramente séria ou da aparente seriedade, "cara de critério drenando consciência", no dizer de Jaime Nejaím. Para Sylvio tudo não passava de um sistema organizado de brincadeira, da qual participavam homens inteligentes que, aproveitando momentos de lazer faziam troças, desmanchando-se como crianças, em gostosas gargalhadas. Nestas ocasiões, mostrava-se contido, apertando os lábios, esboçando, às vezes, discreto sorriso e se encolhendo, o rubor natural do rosto se acentuando, em pudica atitude de moralista. Na verdade estava gozando a situação de escândalo que criara com algumas maliciosas insinuações. Era um irrequieto *Saci* a mexer com um e com outro, sempre sorrateiro, ficando de camarote a contemplar o clima de comicidade que envolvia colegas e até amigos. Uma espécie de demônio a catucar ingênuos companheiros, discretamente, ficando a achar graça de seus aperreios, como se nada tivesse feito. Talvez, por este aspecto de sua personalidade se explicasse o apelido de *Ana Bolena* que lhe deram. O espírito crítico, a irreverência, a mordacidade, a malícia, a verve, o seu, por vezes agressivo, agnosticismo — um agnosticismo, ao que tudo fazia crer, apenas aparente, opondo-se à carolice ou religiosidade, nem sempre autêntica, de alguns companheiros — a irreverência, o ânimo satírico, quando analisava tipos ou apreciava caracteres humanos, comportamentos e atitudes, pondo em destaque o ridículo, a *grotesquerie* ou a bufonia, pareciam justificar a alcunha que lhe botaram. Com habilidade e malícia verbal fazia a caricatura acentuando defeitos e anomalias, sem, contudo, desfigurar, tornando irreconhecíveis fisionomias e tipos.

Em roda de amigos, quase da mesma faixa de idade, entre os quais Olívio Montenegro, Luís Jardim, Aníbal Fernandes, José Lins do Rego e Gilberto Freyre — este, com inteligência, experiência em meios universitários e culturais norte-americanos e europeus, fugindo da rotina, criando e recriando, inovando e renovando, adotou modernos métodos de pesquisa sociológica e fez surgir uma linguagem e um estilo que espantaram e feriram a falsa moral dominante, influiu sobre companheiros mais moços, da mesma idade e até bem mais velhos — costumava Sylvio Rabello soltar a língua e, irreverentemente, fustigar colegas e companheiros ausentes, sobretudo os que ostentavam capa de santidade. Eu mesmo, em algumas dessas rodas onde a vida dos outros era tema constante, cortada e recor-

tada por línguas afiadas como navalha, tive oportunidade de ouvir de Sylvio comentários desse tipo sobre figuras moralmente credenciadas, de prestigiada posição política ou literária: "a mulher de fulano usa camisola-sunga, com um buraquinho na frente, para na hora da procriação, pensamento voltado para o filho que iria nascer, não resvalar em imoralidades e em pecados nefandos. Para estes, dizia Sylvio fazendo gozação, não existe o aparato exótico que deve cercar o ato do amor carnal. Aparato, requintado em suas variações, para tornar o prazer sexual, sempre novo, sempre diferente, com sabor de coisa inesperada e boa. Não perdoava, Sylvio, falsos recatos religiosos ou morais. Certos pudores de embaçadela. Neste particular, chegava a ser implacável. Destes motivos, aproveitava-se dando asas à sua imaginação alimentada na seiva da malícia. Uma vez, no escritório da Companhia Editora Nacional, na Rua da Imperatriz, ao tempo do gerente Waldomiro Gomes — extraordinário amigo e mecenas que, aos sábados, reunia intelectuais em informais seminários, discutindo assuntos de literatura, de artes, de religião, de política e falando da vida alheia — escutei de Sylvio, num grupo do qual, se não me trai a memória, dentre outros, faziam parte, além do anfitrião, Mauro Mota, José Guimarães, Walter Costa, Adel Amorim, Hermilo Borba Filho, Renato Carneiro Campos e Paulo Cavalcanti: "Olívio, diante de minhas falsas dúvidas, afirmou-me que certa viúva, mais que sessentona, rica e guardando a tradição literária do marido, estava de noivado com jovem intelectual, rapaz de menos de 30, vivendo em arrulhos de pombos". Desafiado por Sylvio, que fingia não acreditar, Olívio, cheio de boas doses de uísque, insistiu com ele para irem à casa da tal viúva. E foram, sendo muito bem recebidos, com doses dobradas do melhor uísque escocês. Nesta altura, Olívio — segundo Sylvio — já estava triscando.

Maldosamente, o autor do *Romance Brasileiro* foi instigado: "vamos ao assunto". Olívio explodiu: "Fulana, você não tem vergonha, uma velha de quase setenta, noivando com um rapaz de menos de 30. Você não vê que ele só quer é o seu dinheiro"? Sylvio contou que a velha "queimou a periquita" e respondeu, arregaçando a saia e mostrando as coxas: "É. Mas ainda tenho encantos de jovem". Continuando: "isto é apenas início de conversa". Assim, passavam as tardes dos sábados, começando na Editora Nacional e terminando no bar que ficava nos fundos de um armazém, junto à Matriz da Boa Vista. Quando não, no bar do São Domingos ou no do Grande Hotel. Ou, ainda, no Savoy, na Avenida Guararapes. Raras vezes, acompanhei o grupo volante para os bares e hotéis. Mesmo assim demorava pouco, apesar da insistência de Sylvio: "Deixa de besteira, rapaz, coma fora do caco, pelo menos uma vez. Saia da rotina. Faça uma aventurazinha". O curioso é que Sylvio Rabello, pelo modo de falar parecendo um devasso, esbodegando-se nos prazeres do sexo, os normais e os pervertidos, às voltas com mulheres, principalmente as do mundo, na realidade, se não era recatado marido, era cauteloso nas suas traquinagens. Se não era um puro ou um santo, sabia como resguardar-se contra línguas-de-trapo, com a esperteza que o Diabo lhe deu. Não deixava rabo de fora. Até escrevendo procurava ser cuidadoso. Não se desbandeirava, como acontecia, às vezes, um pouco alto na bebida, quando conversava. Em seus livros não abusava dos palavrões. Quando os usava, sempre nos momentos e lugares certos. Nas ocasiões adequadas. Não se excedia,

forçando o emprego de palavras só para mostrar-se autêntico. Uma autenticidade feita de hipocrisias.

Criada a Secretaria de Educação, no Governo de Barbosa Lima Sobrinho, foi Sylvio Rabello o seu primeiro titular. O Governador, sendo seu amigo, escolheu-o, num ato de amizade e, sobretudo, de confiança. Sylvio entendia de Educação, sendo capaz de movimentar a nova Secretaria, antes representada por uma simples Diretoria de Educação, com competência e habilidade política. Na mesma ocasião, tornou-se independente a Secretaria de Saúde, ficando nas mãos responsáveis de Ageu Magalhães, dedicado a pesquisas médicas e grande sanitarista. Foram duas escolhas acertadas do Governador Barbosa Lima Sobrinho. Em sua gestão, Sylvio Rabello levou a termo grande realização: a Faculdade de Filosofia do Estado, tendo como sede o Beco da Coruja, no oitão da desaparecida Fábrica Fratelli Vita. Coube ao Prof. Estêvão Pinto, escritor, educador e cientista, que tanto atuou no IEP como no IJNPS, a delicada incumbência de executar o arrojado empreendimento. Nele, Sylvio confiava, cercado de razões. A criação da Faculdade de Filosofia não se fez facilmente. Foi trabalho que exigiu, pelos barulhos que provocou e pelas complicações que teve de enfrentar, não só conhecimento do assunto, mas traquejo político, a troca de promessas, algumas difíceis de cumprir, aos líderes de bancadas parlamentares, secretários de Estado e até ministros. Por que não dizer: inteligência e esperteza foram coisas que não faltaram a Estêvão Pinto nas conversas com o próprio Presidente Getúlio Vargas e seus assessores mais ligados à Educação. Por cima de paus e de pedras, a Faculdade foi criada e passou a funcionar.

Na Escola Normal, com a chegada de Mauro Mota, nomeado para a cadeira de Geografia do Brasil, em substituição ao cônego Henrique Xavier, aposentado compulsoriamente, Sylvio Rabello encontrou boa perna para suas *boutades*, armando situações difíceis e embaraçosas para os colegas mais ingênuos. Mauro, organizando tertúlias literárias, sob os mais esdrúxulos motivos, contando na maioria das vezes com a parceria de Sylvio, trouxe para o Diretor Dácio Rabello, em muitos aspectos, diferente do irmão, sérias preocupações, pelo atrapalho que traziam para o funcionamento das aulas. De uma feita, Mauro, acompanhado de Sylvio, chegara à porta de uma sala de aula, onde pontificava evangelicamente, dando lição de química, o professor Poggi de Figueiredo, protestante ortodoxo e ex-pastor, dizendo, em alta voz: "homenageiem o mestre que hoje é aniversário de sua primeira comunhão". O objetivo fora rapidamente atingido: a aula virou bagunça, com palmas, risadas, gritos, inclusive "parabéns pra você".

Sylvio atuava entre os colegas como uma espécie de Doutor Inverossímil, descobrindo neles doenças e padecimentos, não previstos pelos médicos, nos seus sintomas e nas suas etiologias: uma de suas excentricidades. Mauro Mota, em mais de uma nota de jornal, lembrou essa particular tendência, com os acréscimos ficcionistas que, não distorcendo a verdade, davam à crônica graça literária.

Diagnósticos e terapêuticos, se não ostentavam nomes arrezados, nem por isto deixavam de ter fundamento científico.

Um exemplo: Aníbal Bruno — professor de Português na Escola Normal, além de médico e Professor de Direito Penal na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco — queixava-se de suas pernas inchadas e um tanto

dormentes. Sylvio, dispondo-se a examiná-las, sob a curiosidade incrédula dos colegas, verificou que Aníbal, a quem dedicava amizade, usava ligas circulares, de grossos e fortes elásticos, prendendo o bocal das meias. Aconselhou-o a deixar as ligas, com isto concordando o médico inteligente que era Aníbal Bruno, reconhecendo que a pressão por elas exercida prejudicava tanto a circulação como a inervação.

Caso semelhante ocorreu comigo: sentia dores no pescoço e nos ombros. Quando Sylvio soube, à maneira de médico, começou a apalpar as regiões afetadas, fazendo-me achar graça na sua indiferente vocação hipocrática, descobrindo, por baixo do paletó, que eu usava suspensórios largos e bem apertados. A terapêutica recomendada — abandonar suspensórios e usar cinturão — dentro de pouco tempo me fez curado. Na verdade, a explicação etiológica era justa: os suspensórios comprimiam músculos e nervos, irritando-os e provocando dores.

Quanto ao seu materialismo, tenho a impressão de que não passava de revolta contra erros ou abusos, não propriamente da Igreja Católica ou mesmo do Cristianismo, incluindo o Protestantismo, na multiplicidade de suas denominações, mas de clérigos e pastores. Estou quase certo de que acreditava em alguma coisa. Comigo, discutia constantemente, ora na Escola Normal, ora no IJNPS, sobre religião, fazendo-me perguntas que me colocavam às vezes, em dificuldade. Ou me traziam incômodas dúvidas. Embora, geralmente irredutível em seus pontos de vista, chegando a ser por vezes ferino, não deixava de revelar vacilações e incertezas, nas suas próprias concepções supostamente materialistas. Isto acontecia quando debatíamos os problemas intrincados das origens, o equilíbrio harmonioso do Universo, na grandeza infinita de seus mundos e de seus sistemas planetários, sendo a Terra, onde vivemos, um dos mais modestos planetas de um sistema também modesto, tendo como centro um sol que não é senão uma das milhares de estrelas dessa imensa constelação de galáxias que ocupam o espaço cósmico. Na verdade, o que havia em Sylvio era o anticlerical. Sobretudo, o crítico que não perdoava padres que não guardavam compostura ou se desviavam das virtudes que devem caracterizar os autênticos sacerdotes.

Por outro lado, a revelação de certas ocorrências punha a descoberto um espírito receptível ao sobrenatural, a um Deus, à existência de uma entidade acima das coisas naturais, seja qual fosse o nome que, porventura, lhe viessem a dar.

Uma destas ocorrências vale a pena recordar. Contava Sylvio que, ainda menino, morando na casa de sua mãe, lia na sala de jantar, separada por longo corredor da de visitas, onde, à janela, sua irmã Zulmira conversava com o namorado, quando ouviu, espantado, forte ruído de vidro que se despedaçava, à maneira de um lustre ou candelabro de cristal despencado ao chão. Sobre o consolo, na sala da frente, havia de fato um candelabro de cristal. A impressão era de que ele tinha caído, despedaçando-se no chão com grande estardalhaço. Correu para ver o que acontecera, em companhia de outras pessoas que estavam na sala de jantar, encontrando Zulmira olhando para o consolo, pálida de medo, porque também escutara o arrebentar de cristais, estando tudo na mais completa ordem, inclusive o candelabro, que se conservava intacto no seu canto. No dia seguinte, soube que, naquele exato momento, falecia, repentinamente, Alice, colega das mais íntimas de suas irmãs.

A seriedade com que contava, homem de idade provecta, inteligente e culto, em minúcias, o estranho episódio, fazia quase acreditar que não era o ateu que apregoava, mas homem capaz de admitir influência de causas sobrenaturais. A existência de um mundo espiritual que transcendia das forças materiais. Sobretudo, não aceitando para o estranho acontecimento explicações racionais. Comprovando meu modo de pensar, está o título de um dos capítulos do livro *Tempo ao Tempo* em que descreve o acontecimento: *Aviso do Além*.

Em Sylvio Rabello podia não existir o religioso sistematicamente orientado. O crente de uma religião organizada. O cumpridor ortodoxo de uma seita. Mas, o que parece incontestável é que não duvidava da existência de algo superior às próprias contingências humanas, fora do alcance das explicações das leis naturais. De um poder sobrenatural, sagrado e eterno, que se sobrepunha à temporaneidade e naturalidade da vida humana. Como prova de que não era um incrêdo, vale a pena lembrar a informação de seu filho, o professor Ricardo Rabello: "Várias vezes, surpreendi papai, à noite, antes de dormir, fazendo o sinal da cruz, escondido por trás das portas". Tal atitude, se não era a de um crente, pelo menos, era a de um supersticioso. Quem diz supersticioso indica, no mínimo, tendência para acreditar em alguma coisa que transcende ao natural. Uma espécie de sentimento religioso baseado no temor de fenômenos que só apelando para o sobrenatural se pode para eles encontrar explicação.

Sua insistência — embora com o intuito aparente de negar — em falar sobre dogmas do Catolicismo, demonstrava o desejo de esclarecer-se e de tentar compreender e talvez até aceitar tudo aquilo que lhe parecia impossível aos olhos e ao raciocínio de homem indiscutivelmente inteligente e de reconhecido saber científico.

Fato que ocorreu nos seus últimos momentos de vida parece comprovar que não era um cético completo, um agnóstico, um materialista, um ateu: raciocinando claramente, durante a doença fatal, sentindo que o fim estava próximo, colocou de lado o respeito humano, humildemente aceitando que lhe trouxessem um padre arejado para com ele se abrir em conversa confidencial. Na verdade, o que se preparava era uma confissão. Com insistência fazia questão de dizer: estou perfeitamente lúcido, o que era fácil de perceber quando, mesmo com certa dificuldade, conversava com as pessoas da sua intimidade familiar. O Padre Brito foi o escolhido. Professor da Universidade Federal de Pernambuco, sacerdote que Sylvio conhecia, sendo por ele bem recebido, afirmara que sua conversa, valendo como confissão, atingiu integralmente o objetivo religioso.

Diretor da Escola Normal em 1935 e em 1941 do Ateneu Pernambucano, colégio que foi por mim e Pelópidas Galvão fundado e dirigido durante anos, ao tempo em que funcionava na Praça da Sociedade, Sylvio Rabello, convidado por Olímpio Menezes, que o adquiriu por compra, assumiu a Direção, nesta nova fase funcionando no prédio que pertenceu depois à Arquidiocese e hoje faz parte da Universidade Católica. Na Direção, Sylvio, imprimiu ao colégio novo impulso, atualizando as instalações pedagógicas, renovando os métodos educacionais com uma equipe de competentes professores, transmitindo-lhe os traços marcantes de sua cultura e de sua personalidade. Dando-lhe orientação moderna, de acordo com as mais recentes conquistas da ciência da educação, com bases ao mesmo

tempo sociais e psicológicas, não esqueceu o autor de Psicologia da Infância (1937) de proporcionar novo alento ao centro literário, que lá funcionava, convidando professores estranhos ao Colégio para falar aos alunos sobre assuntos de suas especialidades. Tive a honra de ser um dos convidados, debatendo assunto controverso: as *origens múltiplas da primitiva cultura americana*. Quando me candidatei à cadeira recém-criada de *Etnografia do Brasil*, em 1955, foi Sylvio que, na então Faculdade de Filosofia do Estado, solicitou de Amaro Quintas, que fora indicado relator no Conselho Técnico, cedesse a ele a incumbência. Generosamente, apresentou parecer bastante honroso, citando meus títulos, dentre os quais trabalhos e estudos especializados de *Etnografia e Antropologia*, considerando-me não um aventureiro à cata de emprego, mas Antropólogo que se credenciava, principalmente, pelos livros publicados. Talvez, também nesta ocasião, penitenciando-se de enganos e injustiças a meu respeito. Sua atitude, reparando erros ou equívocos envolvendo meu modo de pensar, de sentir e de agir, trouxe para mim grande satisfação, convencendo-me de que era Sylvio capaz de reconhecer seus enganos, corrigindo-se, de modo a analisar e interpretar corretamente comportamentos e personalidades. Tudo passou, a amizade recíproca caminhando para frente, reforçada.

Por volta de 1965, estava Sylvio Rabello se aposentando do IEP, onde ingressara em 1926, quando ainda Escola Normal. Por este tempo, já, não era aquele Sylvio ativo, conversador, com suas *boutades*, irreverente, malicioso e agressivo nos diálogos e debates, sustentando com unhas e dentes suas opiniões, para as quais não admitia réplicas. Gostando de ver companheiros e até amigos em situações difíceis, criando coisas que nunca existiram, soprando fofocas, botando todos no fogo. A malícia em carne e osso. Por este tempo, falava pouco, parecendo ter colocado ponto final em seus ideais de intelectual. De professor e de escritor. Era como se tivesse pendurado as chuteiras.

O Sylvio tristonho e macambúzio começara antes da aposentadoria. Para isto deve ter contribuído a fragmentação da antiga Escola Normal. Seus velhos companheiros, com eles já não contava para estímulo de suas conversas, quase sempre pícantes, um tanto desbocadas, contando anedotas eróticas ou fesceninas, das quais fugia Milton Cabral, como o Diabo foge da cruz, tapando os ouvidos. Uns, como Aníbal Bruno, Fittipaldi e Sisenando Carneiro Leão, estavam aposentados. Outros, como Fernando Simões Barbosa e Meira Lins tinham seguido a derradeira viagem. Alguns ficaram no Colégio Estadual do Recife (CER). Dentre eles, Mauro Mota.

Da velha guarda mesmo, lá no IEP, só permaneciam Mário Persivo, Ruy de Ayres Belo e eu. A imensidade do edifício, com dois andares, várias salas embaixo, contribuía para dificultar nossos encontros.

Suas atividades literárias e científicas estavam praticamente paralisadas. Na verdade, era o ostracismo intelectual, deprimindo e, aos poucos, estiolando a vida do homem que se caracterizara pela atividade, pelo movimento, pela intensidade do trabalho literário e científico.

Por coincidência, no momento em que Sylvio Rabello se aposentava da Escola Normal, nele se apagando a chama do ânimo literário e científico, afastava-se do Instituto Joaquim Nabuco, onde dirigia o Departamento de Psicologia

Social o eminente professor A. Gonçalves Fernandes, preferindo dedicar-se, de modo exclusivo, à clínica psiquiátrica.

Gilberto Freyre e Sylvio Rabello andaram, por algum tempo, estremecidos. Se não estou enganado, o motivo central do estremecimento estava no livro *Itinerário de Sílvio Romero*, publicado em 1944 pela Editora José Olympio. Sylvio Rabello defendia idéias que contrariavam linhas mestras do pensamento gilbertiano. Sobretudo, atribuindo a Romero e não a Gilberto certas antecipações. No exercício do mandato de deputado federal pela UDN, indicado pela iniciativa dos estudantes e com o voto deles eleito, Gilberto propôs a criação do IJNPS, realçando seus objetivos, sua estrutura e sua dinâmica. Sylvio, num impulso incontido, aproveita a oportunidade para negar a importância da Instituição que ia ser fundada, com aprovação unânime dos deputados. Em jornal do Rio deu sensacional entrevista, condenando a instalação de Instituto destinado, segundo eles a guardar bruxas de pano e ex-votos, bonecos de barro e objetos de feitiçaria. Para ele, tais banalidades iriam consumir muito dinheiro, exatamente numa época em que a tecnologia caminhava de vento em popa. No Recife, a *Folha da Manhã*, que propagava a linha política de Agamenon Magalhães, na página de frente, colocando lenha na fogueira, com a manchete *Sylvio versus Gilberto*, transcreve a entrevista do Rio.

O Instituto foi fundado, desenvolvendo-se rapidamente, ganhando prestígio científico, tornando-se famoso por seus estudos e pesquisas em toda parte do mundo onde a cultura é valorizada.

Velho amigo e companheiro de Sylvio Rabello, convencido de quanto ainda seria capaz de prouzir, se dispusesse de oportunidade e estímulo, esquece Gilberto Freyre, Presidente do Conselho Diretor do IJNPS, mágoas e desentendimentos, sugerindo ao então Diretor Executivo, Geógrafo Mauro Mota, que convidasse o autor de *Farias Brito ou uma Aventura do Espírito* (1940), *Itinerário de Sílvio Romero* (1944), *Euclides da Cunha* (1948) e de tantos ensaios literários e científicos, especialmente sobre Psicologia, para assumir a Direção do Departamento de Psicologia Social. Dentre os de Psicologia, não se devendo esquecer: *Características do Desenho Infantil* (1933), *Psicologia do Desenho Infantil* (1935), *Psicologia da Infância* (1937).

O convite, que foi feito pessoalmente, despertou em Sylvio Rabello indisfarçável satisfação.

Assumindo sua nova função em 1965, num órgão como o Joaquim Nabuco, de renome científico, não apenas nacional, mas internacional, Sylvio entregou-se à pesquisa com toda a força de sua inteligência e toda a disposição de quem encontrava aquilo que andava procurando: oportunidade para trabalhar em coisas que eram de seu gosto. No IJNPS, reanimou-se. Sua participação atuante nos trabalhos do Instituto foi como uma transfusão. Um sangue novo que recebeu. Um quase milagre de ressurreição de vida intelectual, profícua e criadora.

No Joaquim Nabuco, numa aproximação direta e constante com Gilberto Freyre, seu amigo desde o tempo de jovens, retoma Sylvio Rabello o entusiasmo, o ânimo, o *élan*, o gosto de fazer as coisas que desejava, processando-se nele uma espécie de repetição do que se passara na época em que começara a conviver com o autor de *Casa-Grande & Senzala*, dele recebendo não só incentivos mas influên-

cias e sugestões que devem ter contribuído para favorecer suas qualidades de escritor e de ensaísta científico. De Sylvio, como de outros companheiros, da mesma idade e até mais velhos, Gilberto Freyre, com sua espantosa capacidade de descobrir talentos, orientando-os ou reorientando-os, contribuiu para fazer deles escritores, artistas e homens de pensamento da melhor qualidade.

Assim, estimulado pelo companheiro, mais experimentado na vivência de um mundo que as viagens tanto alargam, tornou-se Sylvio Rabello um dos melhores escritores da língua portuguesa, com ensaios da classe dos já citados sobre Euclides da Cunha, Farias Brito e Sylvio Romero. Ensaios que não eram apenas valiosos pelo estilo e pela linguagem, mas pelo conteúdo de crítica literária e de análise, não apenas filosófica mas sócio-cultural.

Não se deve pensar que fosse Sylvio um simples tutelado do companheiro. Não. Com ele chegou até a manter divergências, que não conseguiram, contudo, destruir em ambos o espírito de lealdade e o sentimento de amizade.

Do livro sobre Sylvio Romero disse Nelson Werneck Sodré que Sylvio Rabello "dissipa dúvidas, estabelece coordenadas, esclarece aspectos, define posições, situa valores, inclusive, e principalmente, o do próprio Sylvio Romero".

No Joaquim Nabuco, à frente do Departamento de Psicologia Social, Sylvio Rabello revelou-se um pesquisador de primeiríssima ordem.

Seu livro, sobre condições econômicas do artesanato de Juazeiro do Norte — *Os Artesãos do Padre Cícero* — é, sem dúvida, trabalho sério, baseado em pesquisa de campo, sistematicamente planejada, na qual não só o método quantitativo, estatístico, foi utilizado. Também, outros critérios de estudo, não mensurativos, dentre os quais o histórico e o psicossocial. Não se limitou a organizar questionários e mandar aplicá-los com a colaboração de seus assistentes. Ele próprio, coordenador da pesquisa, à maneira do que fez quando escreveu sobre Euclides, indo ao sertão de Canudos foi a Juazeiro, apreciar pessoalmente particularidades sociais e econômicas que nem sempre podiam ser dimensionadas numericamente, por meio de formulários, mas da observação direta e crítica, isto revelando sua possibilidade de integração e sua disposição de participar.

O trabalho do professor Sylvio Rabello representa — são palavras de Gilberto Freyre — "contribuição valiosa de um cientista para o esclarecimento e a orientação de homens de ação e de governo".

Estudando as rendas de almofada, as louças de barro, as redes de dormir, a escultura sagrada popular, a ourivesaria, os objetos de couro, a doçaria, as peças de flandres, os bonecos de pano, a cutelaria, realça o autor sua importância econômica — além da artística — na transição para a indústria, ou mesmo, como simples artesanatos, no processo de desenvolvimento do Nordeste.

O acaso, ironicamente — à maneira do que costumava fazer Sylvio Rabello na sua crítica, censura ou apreciação caricatural de pessoas, coisas e acontecimentos — levou ao autor de *Artesãos do Padre Cícero* a valorizar tudo aquilo que havia ridicularizado na entrevista dada a jornal do Rio sobre a criação do IJNPS e transcrita na imprensa do Recife. A meu ver, em nada, sua atitude, acedendo em integrar-se, de modo efetivo, no grupo dos mais constantes e inteligentes colaboradores do Joaquim Nabuco, arranhou, sequer de leve, sua personalidade de homem de bem. Seu caráter de homem que primava pela dignidade.

Quero acreditar que tudo não passou de incontinência e mal-entendido desabafo. Com a cabeça fria, meditando melhor, apagou o desentendimento, passando a ver tudo claramente. Portanto, o que poderia parecer para os que analisam os fatos, apressada e superficialmente, ato de humilhação, em verdade, foi gesto de coragem, reconsiderando ou repensando idéias e conceitos.

Outra pesquisa, que resultou em magnífico trabalho — científica e literariamente magnífico — foi *Cana-de-Açúcar e Região*, no qual apresenta, após observação direta no próprio interior nordestino, aspectos sócio-culturais dos engenhos de rapadura da região. Com "visão e experiência, Sylvio Rabello descobre e revela o mundo da rapadura", escreve Mauro Mota no Prefácio.

Cana-de-Açúcar e Região, que é trabalho de cientista social, não deixa de ser também excelente contribuição sobre o valor nutritivo da rapadura e, portanto, trabalho de biologia regional em suas aplicações à nutrição do homem do Nordeste.

Prestigiado pelos Diretores Executivos do Nabuco, a princípio Mauro Mota e depois Fernando de Mello Freyre, contando com o apoio e as inteligentes e oportunas sugestões de Gilberto Freyre, dispondo de equipe formada de jovens investigadores sociais, dedicadamente voltados para pesquisas e estudos, pôde Sylvio Rabello, com o seu humanismo, seu saber especializado, seu poder de comunicabilidade, empaticamente mantendo o melhor relacionamento com os assistentes, tratando-os de igual para igual, a hierarquia funcionando quando tinha de disciplinar trabalhos e dar sugestões, realizar, em pouco tempo, obra notável capaz de dignificar não apenas o cargo que exercia mas a própria Instituição.

Fazia o possível para conseguir que seus assistentes, ainda jovens, fossem, aos poucos, se libertando das tutelas intelectuais, particularmente científicas, dando livre iniciativa para cada um deliberar por conta própria, emancipando-se da estiolante dependência. Dava *chances* para que seus auxiliares caminhassem sozinhos, promovendo-se, de acordo com seus gostos e tendências, do chefe se socorrendo apenas quando precisavam esclarecimento e sugestão. Exemplo magnífico de quem não se tranca na sua sabedoria, tornando-se dono de assuntos, não permitindo concorrências. O egoísmo que caracteriza certos mestres, em Sylvio não encontrava guarida. Altivo sim, e mesmo vaidoso, nunca egoísta.

Coisa importante a se ressaltar: foi o primeiro chefe de Departamento a permitir — ou melhor, exigir — que cada auxiliar de pesquisa participasse do próprio relatório, não se limitando ao trabalho, um tanto humilde e servil, de aplicar questionários.

Foi o que aconteceu com *Participação da Mulher no Mercado de Trabalho*, no qual os diversos aspectos do relatório foram escritos não só por ele, mas pelos assistentes de pesquisa: Elisa Collier, Marcos Freitas, Ricardo Rabello, Sérgio Albuquerque e Maria Auxiliadora de Moura. Assim, pretendia Sylvio fazer com as demais pesquisas, programadas ou em andamento, no Departamento de Psicologia Social. Uma delas, o *Estudante Nordestino*, incluindo três grandes centros metropolitanos da região — o Recife, Salvador e Fortaleza — coordenada por um jovem pesquisador social — seu filho Ricardo Rabello, e que assumira a Direção do Departamento — cujo relatório foi feito não apenas sob a responsa-

bilidade do coordenador, mas de duas também jovens e inteligentes pesquisadoras: Virgília Ribeiro Peixoto e Bernadete Coutinho.

Aliás, o exemplo de Sylvio não ficou no esquecimento na hoje Fundação Joaquim Nabuco. Pouco tempo depois, pesquisa da maior importância e de grande amplitude, em convênio com o Ministério de Planejamento, realizou-se sob a coordenação geral do competente economista Clóvis Cavalcanti, tendo por objetivo estudar as condições sócio-econômicas do Vale do Paraíba, pela primeira vez no Joaquim Nabuco contando concretamente com a participação dos demais Departamentos, ficando o relatório sob a responsabilidade não apenas do Departamento de Economia, mas de especialistas de cada um dos outros que formam o corpo técnico da Instituição.

O correr do tempo não fazia envelhecer aquele espírito que se conservava sempre jovem, sempre aberto à compreensão das mudanças sócio-culturais, sempre acessível à renovação, sempre em condições de criar ou inovar, contanto que renovações, criações ou inovações fossem harmoniosamente compatíveis com as condições do meio, no seu sentido rigorosamente ecológico, tanto no que podia ser de biológico como de social. Capazes, portanto, de trazer progresso, não apenas tecnológico, mas cultural, no seu mais amplo sentido.

Os jovens tinham por Sylvio Rabello uma particular admiração, não porque os cortejasse, mas porque viam nele o homem que sempre se atualizava, tanto pela experiência dos outros, através de leituras, com as quais estava sempre em dia, como pela sua própria experiência, através da pesquisa, da observação crítica dos fatos, do contacto indispensável com as nossas realidades. No Joaquim Nabuco, teve Sylvio Rabello, dentre os jovens, grandes amigos, com ele conversando e discutindo assuntos os mais diversos — literários, artísticos, políticos ou científicos — de igual para igual, sem diferença de gerações, nem *status* de qualquer espécie. Os jovens descobriam nele o homem inteligente, culto, sem preconceitos e sem discriminações, franco nas suas opiniões, às vezes até um tanto arisco no seu modo de falar, o que não significava grosseria mas entusiasmo na discussão de certos assuntos. Sérgio Moacir de Albuquerque, Aécio de Oliveira, Virgília Peixoto, Maria Auxiliadora de Moura, Maximiano Campos, Carlos Alberto de Menezes, Alberto Cunha Melo, Maria do Carmo Lins, Maria Helena — tão precocemente arrancada à vida — o atual Diretor Executivo, Fernando de Mello Freyre, o sociólogo Renato Carneiro Campos, com quem afinava no seu modo de apreciar a vida, no que ela tem de agradável e de bom.

O então IJNPS — não é demais insistir — despertou em Sylvio Rabello energias intelectuais que pareciam adormecidas ou anestesiadas em face do ostracismo produzido pela aposentadoria docente. Tanto da UFPE como do IEP. No IJNPS Sylvio sentiu que não era um inválido. Que ainda podia trabalhar e produzir. Assim, aconteceu também — graças à insistência de Gilberto Freyre, que sabia de que era capaz o amigo — no Seminário de Tropicologia, onde atuou de forma eficiente, com pronunciamentos lúcidos e inteligentes interferências, não apenas como debatedor, mas como expositor.

Trabalhos que rigorosamente fugiam da temática do Joaquim Nabuco só puderam ser concluídos graças ao novo vigor intelectual, tanto científico,

como artístico e literário que ele lhe inspirou. Foi o que ocorreu com peças de teatro, como *Pedro Malasarte* e *Cabeleira Aí Vem*. Neste caso, está ainda *Caminhos da Província*, livro em que o autor reúne ensaios publicados entre 1944 e 1946. Ensaios que já estavam prontos, é verdade, mas exigiam seleção e retoques. Não fossem os estímulos recebidos do Nabuco, a convivência intelectualmente estimulante de Gilberto Freyre, talvez lhe faltasse a disposição necessária para tal empreendimento.

Trabalho que não pode deixar de ser lembrado é a análise de conteúdo psicológico das cartas de Gilberto Freyre.

Ainda, sob as influências positivas do Joaquim Nabuco e sob seu patrocínio, republicou Sylvio a *Arte da Renda no Nordeste*, de Leite Otílica, trabalho aparecido pela primeira vez em 1925, no *Livro Comemorativo do Centenário do Diário*, que Gilberto Freyre organizou e editou. O trabalho vem enriquecido de uma apreciação geral da obra, com notas e glossário explicativo da gíria aplicada ao artesanato da renda de bilros, de autoria de Sylvio Rabello.

Tempo ao Tempo (1979) e *Povoado* (1980), livros póstumos, incluindo memórias e depoimentos, caracterizam-se pelo impressionante conteúdo humano e psicológico. Neles se comprime um mundo de episódios, de acontecimentos, de coisas e de pessoas, nas suas misérias e nas suas grandezas, nas suas virtudes e nos seus defeitos, tudo observado e comentado como ocorre quase sempre, pela ótica subjetiva do autor. Nas suas oscilações temperamentais, nas certezas e dúvidas de seu raciocínio. Nos seus livros, em geral, mas, especialmente, nestes, desdobra-se a vida do autor, ora nos seus aspectos mais gerais, ora em sutilezas, em seus relacionamentos com o tempo e o espaço físico e social. Os dois últimos livros retratam, com inteligência e argúcia, embora aqui e ali, sob influência do subjetivismo inevitável, um Sylvio agindo às vezes um tanto exageradamente para não sacrificar o que considerava primordial — o bom gosto literário, com a graça que a malícia confere — tipos humanos, nos seus caracteres, nas suas atitudes, nos seus gestos, no seu comportamento, na sua mentalidade. Por isto, seus retratos tinham que ser, de certo modo, caricaturas. Caricaturas feitas ao sabor da influência literária, de alto poder subjetivo. Nesse imenso mundo pintado por Sylvio Rabello, começando na sua mais verde infância, em Aliança, no meio da família, da parentela e das pessoas amigas ou simplesmente conhecidas, passando por Fora de Portas — Brum com seus arredores, dentre as ruas destacando-se a de São Jorge — depois saindo de "dentro do Recife", já menino, rapaz e homem feito, chegando até a Revolução de 30, tudo ressurge a seu modo. Desde a casa onde nasceu, os folguedos populares, os costumes e usos, os padres de boa vida — talvez, aqui, começando o anticlerical — o Ginásio Pernambucano, com seus mestres, com exceção de dois ou três, levados na galhofa e no ridículo, o episódio político de 1911, o pau rolando, o dantismo salvadorista, a chacina de Trajano Chacon, seus amores e algumas recusas frustradoras, a livraria do Nogueira e seus freqüentadores, a Guerra de 1914 e o armistício, a Faculdade de Direito, o Recife Boêmio, influência dos amigos, o jornalismo, o magistério, principalmente na Escola Normal, com o Diretor Alfredo Freyre e o motim pedagógico. É pena que, às vezes, para fazer graça ou levado por infor-

mações inidôneas, tenha cometido equívocos. Nestes dois livros — aqui, não falando no que me informara seu filho, meu caro e jovem colega Ricardo Rabello, sobre cadernos rascunhados, que Sylvio não passou em redação definitiva, destinados à elaboração do terceiro volume da série "Memórias e Depoimentos" — concentra-se fabuloso documentário sobre a vida de Sylvio Rabello e principalmente sobre as pessoas, os bichos, as plantas, as coisas, os folguedos folclóricos, os brinquedos de menino, hábitos sociais, costumes políticos, tendências artísticas, a intimidade familiar, aspectos sentimentais e literários, de modo particular do Recife das duas primeiras décadas de 1900, com as interpretações maliciosas, semelhantes àquelas que, quase sempre, estouravam feito bomba nos bate-papos do escritório de Waldomiro Gomes na Companhia Editora Nacional, na Rua da Imperatriz. Poucas eram as orelhas de gente conhecida que não ficavam ardendo nessas manhãs de sábado. Críticas, censuras, maledicências, sátiras, chacotas, galhofas, envolvendo pessoas e fatos, explodiam no ar, de mistura com baforadas de cigarro cheirando a whisky do melhor, geralmente provocadas pelas insinuações de Sylvio, arditamente deixando a responsabilidade cair nos ombros alheios, botando os quartos de lado, com ares de anjo, ficando a gozar, num pisca-pisca, que bem revelava a emoção de ver seu objetivo alcançado.

Na arte de botar os outros para falar, contando intimidades da vida alheia e inocentemente ficando a escutar, era Sylvio um virtuoso.

Seus dois livros de memórias e depoimentos, já publicados, embora as notas estivessem rascunhadas ou guardadas na memória, foram escritos, em redação final, na época em que trabalhava no IJNPS, estimulado pelo contacto de um amigo da juventude, Gilberto Freyre, e pelas provocações de outros mais moços, como o sociólogo Renato Carneiro Campos, que, aproveitando a vida até o último instante, com aquela coragem, que poucos têm demonstrado, de enfrentar o desconhecido, partiu para sempre, em plena maturidade e no auge de sua inteligência criadora. Até nisto, afinaram os dois, Sylvio Rabello e Renato Campos: sem temores, nem tibiezas, encararam a morte, com a tranqüilidade de justos, convencidos de suas verdades.

Se os bancos dos jardins do Joaquim Nabuco falassem, por certo, contariam coisas extraordinárias numa evocação ao passado, comentadas entre amigos: Gilberto Freyre, Sylvio Rabello, Mauro Mota, Renato Carneiro Campos, quase sempre estando eu também presente.

Se Sylvio Rabello recebeu estímulos do Joaquim Nabuco, saindo da pasmeira intelectual logo depois de sua aposentadoria como professor, acordando do letargo que o indispunha para novas aventuras do espírito, em troca, valorizou com sua inteligência, sua capacidade de criar, sua cultura, seu entusiasmo pela pesquisa, a sua já famosa tradição de Instituição onde se estuda e se pesquisa com seriedade, visando resultados não apenas teóricos, mas de aplicação prática.

Orientando jovens cientistas sociais ou realizando pesquisas da mais alta valia, contribuiu Sylvio Rabello para enobrecer e dignificar, ainda mais, o então IJNPS, hoje Fundação Joaquim Nabuco. Jamais Sylvio Rabello será um ausente nesta Casa. Aí estão seus trabalhos: livros, ensaios, relatórios de pesquisa, para os que com ele conviveram, a ressonância de suas conversas, denunciando a inteli-

gência e o quilate cultural do autor. Alguns desses trabalhos, considerados clássicos, pela riqueza de conhecimentos e conclusões a que chegou, pelas admiráveis mensagens de ciência e de arte, imperecíveis por sua força de comunicação e de permanente atualidade, transmitindo-se, como contribuição indispensável às ciências sociais, de geração a geração.

